

Turismo na escola: novas alternativas de sensibilização e envolvimento de educadores na elaboração de **práticas inclusivas (re)conhecimento** e **(re)valorização sócio-cultural** em cidades turísticas

KERLEY DOS SANTOS ALVES * [kerleysantos@yahoo.com.br]

KENIA S. A. AMORIM ** [keniahelen@yahoo.com.br]

MARCIO DA LUZ GUILHERME *** [marcio.lg@hotmail.com]

Resumo | Os paradigmas das ciências sociais enfatizam a necessidade de uma aprendizagem permanente para despertar a capacidade crítica e o resgate da cidadania. Ao educador, cujos ideais de ensino extrapolam o ambiente tradicional da sala de aula, surge um caminho possível: o Turismo na dinâmica da escola. Assim, o trabalho educativo torna-se protagonista no desenvolvimento do turismo sustentável. Nesse sentido, consideram-se os interesses e valores, a vivência real e a percepção de alunos e professores em relação à comunidade em que estão inseridos. Baseado nas concepções da metodologia participativa e temas como, turismo, educação ambiental, patrimônio e consumo sustentável, o projeto “Turismo Pedagógico: uma porta para a inclusão” visou os objetivos: promover, em conjunto com instituições públicas, a sensibilização e formação de professores em educação ambiental e turismo nas escolas, a partir da experiência sensorial e do roteiro Sentidos Urbanos – IPHAN¹. Como resultado cabe ressaltar que é uma proposta que ganha contornos diferentes, face à contextualização de cada escola, de acordo com os valores e práticas de cada lugar e em sintonia com as novas demandas sociais, para o enfrentamento da complexidade que caracteriza o contexto turístico atual, no que diz respeito à inclusão e valorização da cultura local.

Palavras-chave | Turismo, Educação, Inclusão, Valorização cultural, Turismo pedagógico.

Abstract | The paradigms of the social sciences emphasize the need for lifelong learning to awaken the critical skills and promoting citizenship. To the educator, whose ideals of education go beyond the traditional atmosphere of the classroom,

* **Doutoranda em Psicologia** pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, **Mestre em Turismo e Meio Ambiente**, Professora do Departamento de Turismo da Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP.

** **Psicopedagoga e Assessora Pedagógica** do Centro Universitário Newton Paiva – Belo Horizonte - Minas Gerais.

*** **Coordenador** do CMBC – Belo Horizonte, **Designer Gráfico** e pesquisador vinculado à Faculdade Anhanguera - Belo Horizonte - Minas Gerais.

¹ O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) é uma autarquia do Governo do Brasil, vinculada ao Ministério da Cultura, responsável por promover e coordenar o processo de preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro para fortalecer identidades, garantir o direito à memória e contribuir para o desenvolvimento socioeconômico do país [http://portal.iphan.gov.br], (IPHAN, 2011)

emerges a possible way: Tourism in the dynamics of the school. Thus, the educational work becomes the protagonist in the development of sustainable tourism. In this sense, we consider the interests and values, the real experience and perception of students and teachers to the community where they live. Based on the concepts of participatory methodology and issues such as tourism, environmental education, equity and sustainable consumption project "Educational Tourism: a door to the inclusion", aimed at the objectives: to promote, together with public institutions, sensitization and training of teachers tourism and environmental education in schools from the sensory experience and roadmap Urban sense - IPHAN. As a result we point out that is a different proposal that takes shape in the face of context for each school, according to the values and practices of each place and in line with the new social demands, to cope with the complexity that characterizes the current tourism context, with regard to inclusion and appreciation of local culture.

Keywords | Tourism, Education, Inclusion, Cultural appreciation, Pedagogical tourism.

1. Introdução

Entende-se que um dos papéis da escola é incentivar os alunos a construir o conhecimento da região onde vivem, desde os limites territoriais até às características geográficas, econômicas, sociais e políticas, pela via das ações extensionistas e da atuação conjunta da comunidade escolar com o Programa "UFOP² com a Escola" e "Programa Novos Talentos", da Pro-reitoria de extensão da Universidade Federal de Ouro Preto -UFOP, no projeto "Turismo Pedagógico: Uma porta para a inclusão". Abre-se espaço para a escola, aqui entendida como um espaço privilegiado para a construção da cidadania, capaz de motivar o corpo docente e discente (autóctones) a protagonizar um processo de inserção de um turismo humanizado, sobretudo nas cidades que tiveram escolas participantes: Diogo de Vasconcelos, Mariana e Ouro Preto.

Sendo assim, os resultados apresentados são frutos deste trabalho realizado ao longo do ano de 2011³, que nos mostra as possibilidades de ação para o desenvolvimento de uma prática educativa integradora, que destaca a importância do estudo do Turismo de forma acadêmica e educacional.

Dentro desta visão, propõe-se – através do projeto desenvolvido em parceria com a Universidade Federal de Ouro Preto, voltado inicialmente para as escolas estaduais das cidades de Diogo de Vasconcelos, Mariana e Ouro Preto e com o apoio de

instituições parceiras como a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES³, financiadora do projeto – a inserção, junto à dinâmica da escola, de temas como turismo, educação ambiental, patrimônio, inclusão e consumo sustentável, como norteadores da capacitação de profissionais da educação para uma nova intervenção junto ao público denominado "em situação de risco".

O projeto "Turismo Pedagógico" buscou trabalhar com a sensibilização e capacitação de professores através do estudo do meio, possibilitando aos participantes vivenciar ativamente o processo de aprendizagem, como um agente construtor, investigativo e co-responsável pelo seu desenvolvimento, assegurando a realização de aprendizagens significativas e inclusivas. A postura de inserção na comunidade, no processo de planejamento turístico das cidades, deve ter como base a relação dialógica, o respeito pelas diferenças, a busca conjunta das prioridades na participação interativa e no *fazer com* e não *para* e, principalmente, em desencadear um processo de formação e reflexão dos sujeitos envolvidos acerca de seu cotidiano.

A concepção metodológica foi inspirada na possibilidade da inserção na articulação entre percepção do lugar e turismo no processo ensino-

² Universidade Federal de Ouro Preto.

³ Nova edição aprovada pela Capes, período de realização abril a dezembro de 2012.

⁴ Projeto aprovado segundo edital CAPES/DEB N° 033/2010.

aprendizagem. As cidades turistificadas passam a ser reconhecidas, na sua essência de lugar, primeiramente por seus moradores e, posteriormente, agregam o adjetivo produto turístico, capaz de acolher moradores e visitantes.

Sair da sala de aula, dos intramuros da escola, “possibilitará a eles se localizarem como cidadãos, servindo de base para a construção da identidade e vínculo com o lugar, assim como para estudos de espaços mais amplos, a exemplo das macro-regiões” (Aziz Ab’Saber, 2001, citado por Raykil e Raykil, 2005).

Assim, a proposta do turismo na práxis educativa em questão visou desenvolver um processo de intervenção que contemple ações concretas para possibilitar aos participantes instrumentos capazes de lhes permitirem aprendizagens significativas no intuito de se alcançar um outro olhar sobre o ambiente no qual estão inseridos.

2. Educação e Aprendizagem em Turismo

O contexto contemporâneo abarca aspectos divergentes e convergentes do mesmo processo, que se expressam, do ponto de vista do turismo, na unidade entre o local e o global. Tal paradoxo nos remete a repensar as ações do turismo e o seu impacto na sociedade em seu sentido amplo. E a sua permanência no mercado obedece à dialeticidade na relação entre: subjetividade e objetividade; autonomia e massificação; passividade e atividade, os quais representam o processo de formação das identidades dos lugares.

Se o movimento globalizante, por um lado, deixa o indivíduo com um sentimento de homogeneidade dos lugares, estes, por sua vez, despontam como meros atrativos a serem consumidos frente à acirra-

da competitividade de lugares, que entram e saem da moda. Seguindo também a curva da demanda, fortemente pressionada pelo poder massificador da mídia, tais atrativos, no decorrer dos anos, perdem sua relevância mercadológica. A respeito disso, pode-se também perceber, concomitantemente, um outro movimento: o da diversidade, da visão holística, da inclusão e do sentimento de pertença.

Pensar o papel que o turismo pode vir a desempenhar num mundo dominado por forte recessão econômica, elevada incerteza em termos de evolução e organização social, e preocupante agitação social não é uma tarefa fácil. Contudo, incita-nos a apontar alguns dados que se tornam a base para a redefinição de estratégias que podem ser adotadas por nós, cidadãos. Nessa ordenação, a relação entre lugares e sociedade está também sob o crivo da fragmentação e da passividade, temos visivelmente lugares e não-lugares. Marc Augé (1994) define os chamados não-lugares como um espaço de passagem incapaz de dar forma a qualquer tipo de identidade. São espaços de ninguém, não geradores de identidade.

Ao pensar no processo de turisficação das cidades, esse está condicionado à diversidade e singularidade de seus atrativos e equipamentos, lugar de vida e memória, “[...] simultaneamente princípio de sentido para aqueles que o habitam e princípio de inteligibilidade para quem o observa” (Augé, 1994: 51). Entretanto, ainda sobrevivem as tradicionais estratégias da chamada “indústria do turismo”, cujo embasamento está na balança comercial aliado ao processo de banalização e esvaziamento dos lugares, diante dos conflitos de uso e relações de poder.

Estabelece um desafio a todos nós, ao perguntarmos-nos: como trabalhar com turismo, atividade multidisciplinar, no século XXI, se estamos vivendo um momento de transformações radicais em todos os setores da vida humana?

Nesse contexto de desordenamento mundial que, afeta o comportamento de moradores e visitantes, pensar o turismo a partir do fazer educativo, diante da reificação⁵ do cotidiano, requer a sua reconstituição, pela via da sensibilização, dos valores,

⁵ “A reificação configura-se como o processo pelo qual, nas sociedades industriais, o valor (do que quer que seja: pessoas, relações inter-humanas, objetos, instituições) vem apresentar-se à consciência dos homens como valor, sobretudo, econômico, valor de troca: tudo passa a contar, primariamente, como mercadoria. (...)” Costa (2004).

dos sentidos e dos significados contidos na genericidade peculiar do momento atual. Desse modo, o ato de pensar sobre conteúdos que permeiam o turismo, também como prática educativa, significa pensar a construção do lugar⁶. O lugar é, de fato, específico, conhecido e familiar. Hall (1998) afirma que: “Os lugares permanecem fixos; é neles que temos raízes, entretanto, o espaço pode ser cruzado num piscar de olhos” (Hall, 1998: 72).

A ordem global busca impor a todos os lugares uma única racionalidade, e os lugares respondem ao mundo segundo os diversos modos de sua própria racionalidade; a ordem global funda as escalas superiores ou externas à escala do cotidiano, considera Santos (1987).

Outra questão em pauta é a inclusão. Se os desafios e demandas – decorrentes da globalização que hoje são impostos ao mercado – fazem as empresas se estruturarem, para sua sobrevivência, de modo a suportar a intensa competitividade, incomparável a outros momentos da história, também se coloca, com a mesma força e intensidade, a questão de como tratar a diversidade “com primazia em sua agenda de responsabilidade social e de considerá-la como um tema decisivo para seu desempenho organizacional” (Instituto Ethos, 2000: 7).

Já que “não basta formar indivíduos, é preciso saber para que tipo de sociedade, para que tipo de prática social o educador está formando indivíduos” (Duarte, 1996: 51).

Nessa perspectiva, o trabalho educativo passa a fazer parte integrante e fundamental da realidade ora apresentada, para transformá-la, e não para acomodá-la.

2.1. Educação: campo fértil para o sentimento de pertença e inclusão

A educação atual respira ares da Escola Nova⁷, a valorização da cultura, o foco de ensino no aluno e o estímulo ao aprendizado foram as principais mudanças ocorridas nessa nova filosofia da educação.

Contudo, ainda são percebidas desigualdades nas condições de acesso à educação e nos resultados educacionais das crianças, dos jovens e dos adultos brasileiros, penalizando especialmente alguns grupos étnicorraciais, a população mais pobre e do campo, os jovens e adultos que não concluíram a educação compulsória na idade adequada.

Desta maneira, por meio das diferentes abordagens e métodos de ensino, pode-se obter, de modo consistente, a motivação na aprendizagem, de forma a alterar o comportamento de docentes e discentes no processo da difusão do conhecimento. As novas doutrinas pedagógicas, que visam à valorização do indivíduo, assinalam que não se deve focalizar apenas o conteúdo, mas o interesse do educador em valorizar o conhecimento dos alunos e a sua realidade. A idéia de viagem, como recurso para o ensino, encontra aliás, amparo dentro de correntes pedagógicas, principalmente as que sofrem influências dos princípios de Célestin Freinet (1973). Vale ressaltar que as técnicas de Freinet, em especial a aula passeio, ou aula das descobertas, são identificadas como um elo entre a pedagogia e o turismo, sobretudo se essa ligação for interpretada sob o prisma da animação, conferindo ao turismo pedagógico o status de “aula com animação” (Spínola da Hora e Cavalcanti, 2003: 223).

Entretanto, o conhecimento maior das potencialidades das cidades pode propiciar ao morador o redescobrir do próprio local onde vive, além de aumentar a sua auto-estima, não ficando este só na expectativa de que só o governo é que tem que fazer tudo, envolvendo a comunidade na busca de solução para os seus problemas.

⁶ “O lugar é uma unidade entre outras unidades ligadas pela rede de circulação; ele é uma entidade única, um conjunto especial que tem história e significados. O lugar encarna as experiências e as aspirações das pessoas. O lugar é a realidade concreta a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhes dão significados (Tuan, citado por Holzer, 1999: 70).

⁷ Escola Nova é um dos nomes dados a um movimento de renovação do ensino, que foi especialmente forte na Europa, na América e no Brasil, na primeira metade do século XX. Um conceito essencial do movimento aparece especialmente em Dewey (1958). Para ele, as escolas deviam deixar de ser meros locais de transmissão de conhecimentos e tornar-se pequenas comunidades.

Freire (1987), considera que o conhecer não pode ser um ato de “doação” do educador ao educando, mas um processo que se estabelece no contato do homem com o mundo vivido, dinâmico e em profunda transformação.

Assim, estudar o meio se traduz como uma forma ativa de trabalhar, de estudar uma realidade, seja ela histórica, geográfica, artística ou literária, instaurada numa relação dialógica. Seu principal objetivo é o de colocar o aluno em contato com a realidade que está sendo estudada. É uma atividade que se realiza fora da escola, mas que envolve todo o planejamento escolar, antes e depois do trabalho feito em campo. O turismo está relacionado com o “estudo do meio, atividade que permite aos alunos estabelecerem relações ativas e interpretativas, relacionadas diretamente com a produção de novos conhecimentos, envolvendo pesquisas localizadas em contextos vivos e dinâmicos de realidade” (Milan, 2007: 13).

A aplicação deste conceito no projeto “Turismo Pedagógico: Uma porta para a inclusão”, em fase de implementação na sua segunda edição, objetiva a mudanças de atitudes e comportamentos a longo prazo, além da utilização de novas alternativas de sensibilização, conscientização e envolvimento de educadores e educandos de escolas públicas. Propõem-se como recursos, para a experiência sensorial, as áreas de lazer, tais como parques, museus, cinemas das cidades contempladas com o projeto. Novos ambientes, formas e abordagens de ensino foram criados a partir das teorias educacionais modernas, direcionando-os para o surgimento de práticas educacionais que vão além do ensino tradicional, isto é, dentro da sala de aula.

Nesse âmbito, tomou-se o turismo pedagógico como estimulador desse estudo. “A proposta de aula presente no turismo pedagógico, concebida a partir dos conteúdos curriculares e sua tradução em objetivos de aprendizagem, apresenta-se supostamente, como atividade facilitadora no processo do aprendizado, pois visa a romper com a monotonia dos modelos e práticas pedagógicas atuais, bem como ser um agente integrador do indivíduo com

a realidade original dos fatos” (Milan, 2007: 13). Assim, no caso em questão, o turismo se apresenta pelo estudo do meio como um recurso didático, que oportuniza ao educando ser o sujeito ativo no processo de construção do seu conhecimento, em contraposição à passividade praticada pelo ensino tradicional.

Para Brandão e Aldrigo (2005), o turismo e a educação estabelecem um diálogo contínuo, tendo como base a interdisciplinaridade como processo de integração e engajamento dos educadores num trabalho em conjunto, integrando as disciplinas do currículo escolar, em busca da construção de um conhecimento global. É preciso que as escolas percebam as potencialidades do turismo, utilizando-o como subsídio didático-pedagógico para motivar os alunos à construção de competências, articulando o conhecimento escolarizado à prática social. “É justamente a capacidade de promover o desenvolvimento humano, social e educacional, que baliza a utilização do turismo como atividade que serve ao ensino” (Spínola da Hora e Cavalcanti, 2003: 208). Nesse sentido, pode-se pensar numa nova concepção de turismo, que amplia o espaço de celebração de consumo turístico em espaço de educação extraclasse, para aguçar a percepção e valorização da cultura local.

2.2. O turismo e as vertentes da aprendizagem

O turismo pedagógico é uma modalidade relativamente recente no Brasil, quando comparada aos outros tipos tradicionais de turismo. Conforme o Ministério do Turismo (2008), segundo levantamentos preliminares, existem no Brasil mais de 150 instituições públicas e privadas que trabalham com esse tipo de turismo, tanto na recepção como no envio de turistas de estudos e intercâmbio. São elas: as agências de intercâmbio, as escolas de idiomas e as instituições de Ensino Médio e Superior. É de grande importância a participação de intermediários, tais como as agências de intercâmbio ou de turismo,

as diretorias de relações internacionais de empresas, as entidades educacionais e os órgãos governamentais, os clubes esportivos, entre outros, a fim de se profissionalizar o segmento.

Para a configuração conceitual sobre o turismo pedagógico, autores como Domingos de Toledo Piza (1992) enfatizam etapas na preparação do estudo do meio e, para Hilário Ângelo Pelizzer (2003), o facto do aluno ter uma visão do mundo e do homem no tempo e no espaço pode resultar em mudança de atitudes perante a vida, promovendo uma melhor adaptação do indivíduo com o meio em que vive. Sua preocupação básica centra-se na melhor maneira de conduzir a atividade educativa, de forma a alcançar finalidades pedagógicas por meio da experiência turística, apresentando-se como uma possibilidade de tornar o conhecimento pertinente, contextualizado e real.

A viagem é, pois, o elemento motivador para dar encanto à educação. No turismo pedagógico, os diversos saberes e realidades são articulados enquanto necessidade de se conhecer e reconhecer os problemas do mundo em um ambiente de sentidos e significados.

Trata-se de uma das atividades que mais se harmoniza ao conceito de turismo sustentável, uma vez que a sua motivação é puramente educativa, com vista a atender a três dimensões: conceituais, procedimentais e atitudinais. Uma vez que o olhar do aluno é convertido em olhar de turista, torna-se mais fácil o conhecimento, visto que a aula ganha vida e a experiência de aprendizado do aluno torna-se algo real, com o qual ele pode interagir. “As formas de relevo em uma aula de geografia estarão à vista, poderão ser percorridas; impactos da poluição serão sentidos de perto em uma aula de campo sobre o meio ambiente; a aula de história ganhará forma nos monumentos históricos da cidade; as formas geométricas ganharão fascínio nas fachadas dos prédios, enfim, são inúmeras as possibilidades educacionais do turismo pedagógico quando se recorre à conversão do olhar” (Spínola da Hora e Cavalcanti, 2003: 225).

Além do mais, conhecendo localidades da sua região ou do seu redor, o aluno-turista passa a desenvolver um sentimento de valorização e conservação dos patrimônios sociais, culturais e ambientais das comunidades, o que torna possível o planejamento do turismo sustentável⁸. Tal planejamento extrapola o processo técnico, relacionando-se mais às condições políticas e sociais do que à natureza do produto propriamente dito. Planejar não é apenas um compromisso com o desenvolvimento econômico, na busca pelo controle, visando, apenas, o lucro, mas, sobretudo, a busca pela sustentabilidade social, cultural e, por que não dizer, ecológica (Braga, 2007: 2). Na visão contemporânea, o planejamento com vista o desenvolvimento turístico deve ser entendido como a maneira pela qual os processos políticos, sociais e culturais afetam a tomada de decisões eficazes nos mais diversos setores turísticos.

Paulo Freire (1987), em sua obra *Pedagogia do Oprimido*, faz uma abordagem dialética da realidade, cujos determinantes se encontram nos fatores econômicos, políticos e sociais em consonância com as premissas da sustentabilidade econômica, ambiental, sociocultural e político-institucional.

O turismo pedagógico apresenta, ainda, a grande vantagem de promover a interiorização do turismo e a diversificação da oferta turística da localidade. Devido à dificuldade que os professores encontram em agendar uma excursão, deixando que a criança não tenha um conhecimento prático e fique apenas com o teórico, graças a este projeto vemos um caminho. Essa é uma questão que, além de envolver uma série de reflexões e atitudes, que fazem alusão ao respeito pela diversidade, à percepção, à solidariedade, à aceitação das diferenças, também precisa passar pela reengenharia de vários processos ligados ao turismo, para que a inclusão possa ser efetivamente concretizada. Foi preciso, então, compreender como,

⁸ “Turismo sustentável é a atividade que satisfaz as necessidades dos turistas e as necessidades socioeconômicas das regiões receptoras, enquanto a integridade cultural, a integridade dos ambientes naturais e a diversidade biológica são mantidas para o futuro” Organização Mundial do Turismo, OMT (2001).

na prática, se desenvolvem tais processos. Venturi (2005: 18), nas suas considerações sobre o papel da visita técnica no processo de produção científica, destaca que “o momento do trabalho de campo representa o contato imediato do cientista com a realidade, ainda que se possa fazer uso de instrumentos; é o momento de conhecê-la melhor por meio de técnicas de observação e interpretação.” Dessa forma, este projeto pretende contribuir para a formação da consciência do turismo nas escolas dos municípios participantes, através da promoção conjunta de treinamentos e transferências de tecnologias de turismo e educação ambiental aplicadas à metodologia do estudo do meio e ao trabalho interdisciplinar, além de promover interação entre os educadores de Ouro Preto, Mariana e Diogo de Vasconcelos.

3. Turismo Pedagógico: uma porta para a inclusão

Na concepção de que o Turismo Pedagógico possibilita a ampliação dos olhares dos estudantes, sejam da educação básica ou do ensino médio, os pressupostos orientadores da prática, principalmente aqueles que contribuíram para a reflexão sobre as temáticas do projeto, foram: Qual é o sentido da escola e do Turismo Pedagógico na perspectiva dos educadores? Qual a possibilidade de complementaridade entre o Turismo e a Pedagogia? O que justifica a inclusão do Turismo Pedagógico na escola? Como organizar uma proposta de Turismo Pedagógico que contemplasse os alunos economicamente desfavorecidos?

3.1. Procedimentos Metodológicos de Pesquisa-Ação

O projeto desenvolveu as seguintes temáticas: turismo e percepção; turismo e ambiente; turismo, cidadania e inclusão. Os três módulos foram desenvolvidos em sete oficinas que tiveram como base os

trabalhos no campo da Psicopedagogia de Freinet (1973) e Freire (1987) e também de pesquisadores do turismo, do lazer, da filosofia, da geografia, da história e das artes. A partir dos treinamentos com os docentes envolvidos, foram promovidos encontros e oficinas para o planejamento do estudo do meio, “é uma metodologia de ensino interdisciplinar que pretende desvendar a complexidade de um espaço determinado extremamente dinâmico e em constante transformação, cuja totalidade dificilmente uma disciplina escolar isolada pode dar conta de compreender” (Pontuschka, 2005: 173). Envolvendo os participantes em atividades que visassem, primeiramente, a auto-estima do educador, a relação de pertença ao município e, posteriormente, possibilitar a acessibilidade à informação, aos conhecimentos sobre história, geografia e aos trabalhos desenvolvido sobre Ouro Preto, Mariana e Diogo de Vasconcelos, e a outras localidades do entorno. As atividades constaram de técnicas grupais, visitas monitoradas, instrumentos artísticos, debates e participação no roteiro Sentidos Urbanos que faz parte do Projeto “Sentidos Urbanos: patrimônio e cidadania”, do Departamento de Turismo, desenvolvido junto à Pró-Reitoria de Extensão, da Universidade Federal de Ouro Preto. O projeto é direcionado, prioritariamente, aos moradores da cidade de Ouro Preto, Minas Gerais. De entre os objetivos do projeto, destaca-se a oferta de roteiros sensoriais interpretativos por percursos da vida cotidiana, utilizando metodologia própria e modalidades diferenciadas de percepção e interpretação do patrimônio. O projeto visa sensibilizar moradores permanentes e temporários (estudantes) para a necessidade de uma co-responsabilidade pela preservação da paisagem cultural, vivenciando detalhes da alma dos lugares, geralmente tornados “invisíveis” por meio da rotina e do tempo. O aporte fenomenológico nesse estudo respalda investigações com experiências vividas. O trabalho culminou com visitas aos principais atrativos turísticos de Ouro Preto e Diogo de Vasconcelos. A partir dos subsídios teóricos, os professores produziram materiais de práticas pedagógicas para a utilização em sala de aula.

O produto elaborado pelos próprios professores participantes, sob a orientação da equipe do projeto, consiste em materiais norteadores, para que cada disciplina pudesse trabalhar a nova proposta curricular no dia a dia, dentro e fora do ambiente da sala de aula.

1ª Fase: Conhecer o espaço onde o projeto foi executado.

- Fazer o levantamento do aspecto físico, social e cultural das regiões onde o projeto será implementado.
- Eleger escolas da região.
- Delimitar o tema a ser desenvolvido, adequado ao público a ser trabalhado.

2ª Fase: Apresentar as propostas às escolas, para avaliar o real interesse pelo projeto.

- Treinamento e apoio dos professores em suas atividades didático-pedagógicas ligadas à cultura, à história, ao meio ambiente e ao turismo; embasamento teórico.
- Levantamento histórico da memória dos espaços e localidades utilizados.

3ª Fase: Suporte para os professores, de acordo com o programa utilizado pela Escola.

- Proposição de trabalho interdisciplinar entre os professores das disciplinas.
- Elaboração dos instrumentos didáticos à partir do estudo do meio.

3.2. Resultados e Discussões

Ao compreender a realidade das escolas atuais e os seus professores, onde estes precisam conviver e lidar com situações diversas, percebeu-se a necessidade de - por meio do turismo, pelo fato de este ser significativa na região onde foi realizado o trabalho – Ouro Preto, Mariana e Diogo de Vasconcelos –, a partir de temas como “Turismo e Ambiente” – estimular discussões e reflexões sobre o ambiente onde se convive e a relação do lugar vivido.

O turismo é uma área que consegue absorver diversas outras, fornecendo-lhes novas configurações. O ramo educacional não é diferente, pois contribui para que o ensino se dê de forma mais atraente para os alunos que diariamente anseiam por novidades. Segundo Beni (1998: 74), a mobilidade proporcionada pelo turismo põe em contato muitas pessoas, amplia e enriquece as maneiras de pensar e de atuar, expandindo o acervo cultural. Dessa forma, tal trabalho ajuda a fomentar estudos sobre essa nova tipologia – o Turismo Pedagógico, já que o corpo teórico da área ainda está em formação e carece de maior desenvolvimento de saberes.

Ademais, o projeto se dispôs a utilizar o turismo para fornecer metodologias e ferramentas metodológicas que auxiliassem os professores em seu cotidiano, tornando as aulas mais atraentes. Visou também possibilitar que a compreensão do espaço e do papel de cada um destes seja mais amplo, favorecendo um maior conhecimento de si e do ambiente circundante.

No segundo momento, por meio de oficinas, foi colocado em discussão o tema turismo. Foram exibidos *slides* com palavras e imagens relacionadas com o significado de Turismo, as quais levaram a equipe a uma reflexão. Algumas palavras-chave que apareceram foram: cultura, experiência, prática (vivência), deslocamento, conhecimento, roteiro. Esses relatos indicam qual a percepção do grupo com relação ao tema. Vale ressaltar, que o grupo traz apenas a conotação positiva do turismo, desconsiderando os possíveis impactos negativos que a atividade pode causar. Essa percepção propiciou pensar, para as próximas oficinas, textos e referências que tenham uma visão mais ampla do turismo, como atividade que traz impactos que podem ser positivos ou negativos. Para Veloso (2000: 25), “a visita técnica significa conhecer *in loco* o atrativo turístico e saber decifrar, interpretar e analisar a sua oferta”.

Na etapa seguinte foi abordado o tema “Sustentabilidade”, puderam-se desmitificar conceitos atribuídos ao turismo como “Indústria do turismo”, turismo como promotor de desenvolvimento dos

lugares e turismo como atividade que não causa impactes no ambiente. Para tanto, foi apresentado o filme *Última Hora*, Conners e Petersen, (2007), que contextualiza o tema e enfatiza que pequenos hábitos, costumes e atitudes podem contribuir de forma positiva ou nociva para impactar o ambiente, tanto natural quanto cultural. O filme abriu novas possibilidades para a discussão e permitiu que a etapa final se realizasse. A partir da ferramenta “Mapas Mentais”⁹, possíveis práticas, e as já executadas nas escolas e/ou espaços de convivência, foram desenhadas em folhas, apresentando bons exemplos e possibilidades a serem implementadas nas escolas, para tornar melhores os ambientes onde se convive diariamente. Por isso, as representações mentais, a imagem que cada participante tem do lugar, estão de acordo com experiências e vivências. A imagem da paisagem, dentro da organização do vivido, permite identificar os elementos subjetivos a cada um, esta estando relacionada com a visão e a cultura. Possibilita o contato entre o mundo e as suas significações, dentro de uma interpretação do espaço vivido e vivenciado, com base nas observações e aspirações das pessoas. Além disso, por meio das representações dos mapas mentais dos participantes, constatou-se a percepção dotada de atributos relacionados a questões ambientais, como a presença do lixo em algumas áreas, a degradação de prédios tombados, a riqueza do barroco, os monumentos e também os turistas que percorrem as ladeiras das cidades; foram essas as imagens evidenciadas nos mapas mentais.

Com relação à visão das cidades de Ouro Preto, Mariana e Diogo de Vasconcelos como cidades turísticas, houve o consenso de que essas possuem atributos para esse adjetivo, por tratarem-se de cidades com atratividade turística. Na opinião do grupo, esta atratividade está relacionada com a arquitetura,

o passado, o barroco, o cenário, os eventos, a nostalgia, o bucolismo, o modo peculiar do ouro-pretano, a identidade (pertença).

Na opinião do grupo, esta atratividade está relacionada com a arquitetura, o passado, o barroco, o cenário, os eventos, a nostalgia, o bucólico, o modo peculiar do ouro-pretano, a identidade (pertença). Conforme Pontuschka *et al*, (2007), é preciso definir os momentos e as respectivas ações do estudo do meio. No primeiro momento busca-se mobilizar a escola, promove-se o encontro dos sujeitos sociais, os quais devem refletir sobre a prática pedagógica existente na escola, com vista a tomada de decisão sobre as possíveis ações interdisciplinares.

Discorreu-se sobre a relação com o local, os sentimentos de gostar ou não dele (topofilia/topofobia) respectivamente. Ainda nessa discussão, alguns participantes expressaram o seu sentimento em relação à cidade, conforme os relatos seguintes: “Viajamos ao passado”; “Aumento da percepção durante o Festival de Inverno”; “É possível ser turista em minha cidade”; “Fechar os olhos. Ouvir línguas distintas”.

Já que os participantes reconheciam as suas cidades na perspectiva de cidade turística, foi lançado o questionamento sobre a possibilidade de se pensar no turismo como disciplina componente da matriz curricular das escolas de Diogo de Vasconcelos, Mariana e Ouro Preto, ou se eles viam o turismo como possibilidade de inserção nas disciplinas, para torná-las mais interessantes.

A princípio, os participantes acharam uma alternativa impossível, mas, no decorrer da explanação, puderam vislumbrar algumas formas de inserir o turismo, talvez não como disciplina, mas como um recurso para tornar as disciplinas mais atraentes junto dos alunos e iniciar com eles uma “educação turística que congregasse também a educação ambiental e patrimonial”. As observações dos participantes das três cidades proporcionaram captar o significado do lugar, o reconhecimento pelas vivências propiciadas ao longo do projeto. Desde a sua concepção, este teve como premissa apresentar o turismo das localidades Diogo de Vasconcelos,

⁹ “Os mapas mentais são desenhos concebidos a partir das observações sensíveis, da experiência humana no lugar e não se baseiam em informações precisas e rigorosamente estabelecidas porque “a razão objetiva, [...] se refere à existência humana mesmo que esta não possa ser expressa em categorias de quantidade” (Holzer, 2006: 202).

Mariana e Ouro Preto para os participantes, valorizando a cultura, a identidade e as tradições presentes na própria cidade, instigando os atores sociais, através do processo de inclusão no turismo, na perspectiva de crescimento sustentável do setor nas cidades. De acordo com Antunes (2009: 2), o turismo pedagógico tem como objetivo tornar a viagem o elemento motivador para observar, em determinados lugares, os diversos conteúdos expostos em sala de aula, de maneira interdisciplinar e, assim, contribuir para a formação do pensamento crítico dos alunos. Quanto à participação no roteiro “Sentidos Urbanos”, este propiciou o (re)conhecimento e a (re)valorização sócio-cultural e espacial da Cidade Patrimônio Cultural da Humanidade, com forte incidência sobre o exercício pleno da cidadania.

Os conhecimentos de turismo devem, necessariamente, propiciar ao educando uma relação entre a teoria e a realidade em dimensão escolar – do local ao global e deste ao local. Essas considerações apontam para um ponto crucial do projeto, que é enxergar o turismo, não como uma possibilidade distante, mas sim como ferramenta possível de ser inserida no cotidiano da vida escolar.

4. Considerações finais

A ação empreendida esteve pautada pela implementação de práticas educativas, elaboradas pelas educadoras participantes do projeto “Turismo Pedagógico”, com base no turismo e em sintonia com as novas demandas sociais, a fim de aguçar a percepção da comunidade, em especial a escolar, sobre as potencialidades das suas cidades. Nessa perspectiva, foi necessário envolver toda a escola no importante trabalho de construção de práticas pedagógicas voltadas para a formação de alunos, cidadãos compromissados com a ordem democrática e com os seus valores, percepções e memória do entorno habitual. Vale ressaltar que o projeto prepara-se para a sua segunda edição, após avaliações

positivas das 14 escolas envolvidas, quanto à metodologia utilizada. Por meio de técnicas participativas e estudo do meio, utilizou o turismo para comunicar e articular temas relevantes para as discussões sobre os conflitos e os novos limites encontrados pelas escolas, favoreceu e contribuiu para que tais conversas se desenvolvessem de forma simples e espontânea, reforçando a idéia de que o turismo faz parte do cotidiano e da realidade dos envolvidos.

O professor pode ampliar as possibilidades de aprendizagem do aluno a partir de diferentes propostas didáticas. Ele pode organizar o desenvolvimento das práticas pedagógicas voltadas para o desenvolvimento dos aspectos cognitivos, afetivos e sociais dos alunos com atividades lúdicas, de entretenimento e conhecimento, inerentes ao turismo, enquanto possibilidade de “experienciar, vivenciar e conviver”.

Foi possível, ainda, refletir sobre os desafios inerentes à efetivação do Turismo Pedagógico na escola, para um número maior de estudantes, principalmente aqueles que dependem majoritariamente das iniciativas da escola para ampliarem seus conhecimentos, para terem acesso ao lazer e para lidarem com a diversidade de situações possíveis de serem vividas e para realizarem práticas inclusivas.

A oportunidade de ver e vivenciar locais novos e seu patrimônio – os monumentos e museus, as casas históricas e as instituições culturais – estimulou os participantes a reconhecerem os fatores que agem em cada um, sua fauna e flora características, bem como estimulou a reflexão acerca das práticas cotidianas do educador, ou seja, a percepção que cada um atribui a um determinado lugar visitado e as suas relações nos ambientes educativos. A utilização do estudo do meio, como método de ensino e pesquisa para fundamentar o trabalho pedagógico cotidiano no espaço escolar pressupõe que uma abordagem interdisciplinar passe a fazer parte das ações pedagógicas da escola. Destaca-se, por fim, a incipiência de pesquisas nesta temática, precisando esta de ser estudada sob os padrões acadêmicos.

É oportuno enfatizar que a intervenção para uma mudança de comportamento não pode vir de fora,

mas a partir de uma reflexão interna das pessoas envolvidas, fundamentada na prática diária e na percepção do turismo com ênfase na cidadania, no desenvolvimento endógeno das localidades e na construção de uma base conceitual que beneficie as comunidades em suas particularidades. Ao mesmo tempo, deve-se promover uma política de sensibilização da atividade focada em especificidades que constituem o produto turístico mais autêntico, fortalecendo as comunidades e os seus laços com a gestão pública da atividade.

Referências Bibliográficas:

- Antunes, D. de M. M., 2009, *Turismo pedagógico como agente transformador*, [http://www.defender.org.br/turismo-pedagogico-como-agentetransformador], (Site acessado a 10 agosto de 2011).
- Braga, D. C., 2007, *Planejamento Turístico: teoria e prática*. Elsevier, Rio de Janeiro.
- Conners, N. e Conners Petersen, L., 2007, *A última hora*, DVD, Warner Independent Pictures, EUA.
- Augé, M., 1994, *Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*, Papirus, Campinas.
- Beni, M. C., 1998, *Análise estrutural do turismo*, 2 ed., Senac, São Paulo.
- Brandão, I. T., e Aldrigue, N. de S., 2005, Turismo e educação: dois alicerces indispensáveis, *Revista Global Tourism*, [http://www.periodicodeturismo.com.br/site/artigo/viewArtigo.php?codigo=45&tituloturismo e educação], (Site acessado a 23 de dezembro de 2011).
- Costa, F. B. da, 2004, *Homens Invisíveis: Relatos de uma humilhação social*, Editora Globo, São Paulo.
- Dewey, J., 1958, *A Filosofia em Reconstrução*, Companhia Editora Nacional, São Paulo.
- Duarte, N., 1996, *Educação escolar, teoria do cotidiano e a escola de Vigotski*, Coleção Polêmicas de Nosso Tempo, Vol.º55, Autores Associados, Campinas.
- Freinet, C., 1973, *Pedagogia do bom-senso*, 2 ed., Martins Fontes, Santos, São Paulo.
- Freire, P., 1987, *Pedagogia do Oprimido*, 17 ed., Paz e Terra, Rio de Janeiro.
- Hall, S., 1988, *A identidade cultural na pós-modernidade*, DP&A, Rio de Janeiro.
- Holzer, W., 1999, O lugar na geografia humanista, *Revista Território*, Ano IV, N.º. 7, pp. 67-78.
- Instituto Ethos, 2000, *Como as empresas podem (e devem) valorizar a diversidade*, Manuais Uniethos, São Paulo, [http://www.uniethos.org.br], (Site acessado a 10 setembro de 2011).
- IPHAN, 2011, *Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, [http://portal.iphan.gov.br], (Site acessado a 23 de dezembro de 2011).
- Milan, P. L., 2007, *Viajar para aprender: Turismo Pedagógico na Região dos Campos Gerais*, PR.125f, Dissertação de Mestrado em Turismo e Hotelaria, Universidade do Vale do Itajaí, Balneário Camboriú.
- Ministério do Turismo, *Segmentação do Turismo*, [http://www.mda.gov.br], (Site acessado a 27 de novembro de 2011)
- Raykil, E. B., e Raykil, C., 2005, *Turismo Pedagógico: Uma Interface Diferencial no Processo de Ensino-aprendizagem*, [http://www.periodicodeturismo.com.br], (Site acessado a 06 setembro de 2011).
- Santos, M., 1987, *O espaço do cidadão*, Nobel, São Paulo.
- Spínola da H. A. S., e Cavalcanti, K. B., 2003, Turismo pedagógico: conversão e reconversão do olhar, in Rejowski, M., e Costa, B. K., *Turismo contemporâneo: desenvolvimento, estratégia e gestão*, Atlas, São Paulo.
- OMT [Organização Mundial do Turismo], 2001, *Introdução ao turismo*, Roca, São Paulo.
- Pelizzer, H. Â., 2003, *Turismo e educação- um processo informal de ensino e aprendizagem*, Manole, São Paulo.
- Piza, D. de T., 1992, *Estudo do meio como processo pedagógico, Turismo em Análise*, ECA-USP, Vol.3 (1), pp. 72.
- Pontuschka, N. N., 2005, Estudo do meio, interdisciplinaridade, ação pedagógica, in I Encontro sobre o saber escolar e o conhecimento geográfico, *Boletim de Resumos Ponta Grossa*, UEPG, Ponta Grossa, Vol. 1., pp. 7-23.
- Pontuschka, N. N., Paganelli, T. I., e Cacete, N. H., 2007, *Para ensinar e aprender Geografia*, Cortez, São Paulo.
- Veloso, M. P., 2000, *Visita Técnica: uma investigação acadêmica*, Editora Kelps, Goiânia.
- Venturi, L. A., 2005, O papel da técnica no processo de produção científica, in Venturi, L. A. B. (org.), *Praticando Geografia: técnicas de campo e laboratório*, Oficina de Textos, São Paulo, pp. 13-18.